

DESENHO E CANTEIRO_dois

A inauguração do anexo do MASP tem cinco mostras de obras do acervo que pudemos conferir uma a uma: “Renoir”, “Geometrias”, “Histórias do MASP”, “Artes da África” e “Isaac Julien: Lina Bo Bardi — Um Maravilhoso Emaranhado”. O anexo ocupa um antigo edifício residencial de 14 andares que está sendo interligado ao de Lina por um túnel sob a rua, seus andares foram transformados em salões expositivos, ampliando a quantidade de exposições em cartaz e de mostras do acervo que só cresce. Percorremos tudo de cima para baixo usando as escadas pois os elevadores estavam sempre lotados. Numa sexta-feira, o restaurante do anexo tinha filas de espera para mais de hora e as exposições cheias. Parece que é sucesso, mas preferimos almoçar num lugar mais tranquilo próximo dali. No prédio da Lina, mais uma bela exposição de Frans Krajcberg, o polonês naturalizado brasileiro pioneiro da integração entre arte e ecologia com suas monumentais esculturas utilizando madeira retorcida da Amazônia, do cerrado e outros biomas em chamas, que sempre denunciou. Após esta ciranda, desmaiamos para acordar cedo no sábado. Fomos ao Museu de Arte Contemporânea – MAC USP no Parque Ibirapuera pela manhã, com um trajeto diferente: linha verde e conexão com lilás do metrô até a estação AACD Servidor, que nos deixou diante do enorme complexo hospitalar, o restante fizemos em meia hora de caminhada. No caminho, uma bela praça chamou a atenção com uma grande escultura de aço no centro, homenagem à Revolução dos Cravos de Portugal.

A mostra de Sérgio Ferro valeu a viagem ao MAC. Li “O Canteiro e o Desenho”, seu livro mais conhecido quando foi lançado em 1986 pela editora Projeto ainda durante o mestrado, um líbello contra as más condições de trabalho nas construções. O arquiteto e pintor foi um combatente contra a ditadura militar, participou de ações armadas contra o regime, foi preso, torturado e exilou-se ao sair da cadeia, passando a lecionar na faculdade de arquitetura de Grenoble na França, onde vive até hoje. O impacto de ver um conjunto de suas obras ao vivo (conhecia o painel do metrô e algumas telas) é forte, tal a qualidade estética e política de sua arte numa montagem impecável.

Uma das coisas interessantes desta imperdível exposição são as obras de arquitetura que o trio da chamada “Arquitetura Nova” (Sérgio Ferro, Rodrigo Lefrève e Flávio Império) conseguiu erguer apesar de todas as dificuldades técnicas e econômicas da época, início dos anos 1960. A utópica “escola das ondas” em Brotas é um caso a parte, uma experiência construtiva maravilhosa que ainda está em bom estado com a escola funcionando, já está na minha planilha conhecer. O uso de abóbadas nas construções me lembrou os experimentos do compadre arquiteto Paulo Nehemy em Franca.

Vimos também uma exposição de design na Japan House e uma de gravura no Instituto Cultural da Coréia, ambas na Paulista, além das fotografias de Luiz Braga no Instituto Moreira Salles. Arrematamos com uma visita ao Centro Cultural Itaú para ver as estranhas obras do carioca Carlos Zílio (outro combatente contra a ditadura) e a ocupação que traz a vida de lutas da arte-educadora Ana Mae Barbosa no domingo pela manhã, com a avenida Paulista fechada aos carros, o que permitiu uma experiência nova para nós, caminhar com tranquilidade no meio da pista apreciando os edifícios e as diferentes tribos que se concentram em pontos específicos com suas danças, músicas, artesanatos, artes em geral. Coisas que uma metrópole pode proporcionar em grande escala aos visitantes, mas que pode ser replicada noutros lugares, basta ter vontade política, como lembra um ex-prefeito amigo nosso. Ao final dessas viagens, sempre recordo o amigo Ademir da NenaTur, “fim dos nossos serviços e começo das recordações”.

Mauro Ferreira é arquiteto